DAVIS, Kathleen. *Deconstruction and Translation*, St. Jerome Publishing – Manchester, UK & Northampton, MA. 116 p. (Translation Theories Explained)

[to share the same stakes]

Paulo Ottoni*

A questão da desconstrução é também, de um lado
ao outro [*de part en part*], *a* questão da tradução.
Jacques Derrida
Carta a um amigo japonês

"Um argumento deste livro é que desconstrução e tradução partilham da mesma ventura". Esta afirmação de Kathleen Davis, logo no início da introdução geral do livro, vai ser retomada na conclusão final. "Quanto mais a tradução volta-se para sua obrigação com o 'outro', mais ela resiste à totalização de forças que pretendem a extinção da diferença. É neste sentido que desconstrução e tradução partilham da mesma ventura". É a partir dessa afirmação, na introdução e do seu desdobramento na conclusão, que questionarei a maneira como a autora concebe a relação *Deconstruction and Translation* que dá o título ao livro. Segundo as regras gramaticais tanto do inglês quanto do português, a conjunção *and/e* deixa sintaticamente no mesmo nível desconstrução *e* tradução, assim teríamos *Tradução e Desconstrução* também como um título em tradução. Ora, parto da hipótese de que a inversão sintática dessa relação, aparentemente simples, tem conseqüências importantes. Darei uma visão geral do modo como a autora organizou seu livro, já que sua organização sistemática reflete muito o modo como ela concebe esta relação, e como analisa os tradutores do texto derridiano.

* Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

O livro é composto de uma introdução geral, e está dividido em duas seções: I –*Translatability and Untranslatability* e II – *Implications for Translation Theory*, cada uma delas contendo uma pequena introdução e três capítulos, cada um subdividido em quatro partes, sendo a última delas uma pequena conclusão. Das 121 indicações bibliográficas gerais, apresentadas no final do livro, 26 delas, entre textos e livros, são especificamente de Jacques Derrida.

Na seção I – *Traduzibilidade e Intraduzibilidade*, no primeiro capítulo – *Différance: Diferença e a Origem; Saussure e Diferenças; A Diferença da Différance; Conclusão* – Davis vai direcionar sua reflexão sobre a questão da traduzibilidade e da intraduzibilidade desenvolvendo cada um desses subtítulos a partir do texto de Derrida, "*Des Tours de Babel*" (tradução para o inglês de J. Graham, In: *Difference in Translation*; inédito em português) que discute o texto de Walter Benjamin, *A Tarefa do Tradutor*. Ela afirma: "Escolhi o ensaio 'Des Tours de Babel' (1985) de Derrida como sendo o texto principal, ou contexto para esse processo". No capítulo dois – *O limite: Singularidade e Generalidade; Texto; Escrita [writing/escritura]; Conclusão* –, e no terceiro – *Iterabilidade: Estabilidade e Instabilidade; O Suplemento; Sobrevida; Conclusão: Instituições, Reinos, e Propriedade* –,, a autora fortalece sua reflexão sobre a desconstrução, independente de sua relação com uma "teoria de tradução". Ao longo de toda essa primeira seção ela expõe o que poderíamos chamar de "pressupostos teóricos" – por necessidades didáticas dada a natureza e o objetivo do livro – para desenvolver sua questão principal: a relação entre desconstrução *e* tradução.

Ao iniciar a seção II – *Implicações para uma Teoria de Tradução*, a autora justifica da seguinte maneira a anterior: "A seção anterior foi desenvolvida para fornecer ao leitor uma base para o entendimento de alguns dos pontos mais importantes relacionados à linguagem e sentido em Derrida, particularmente na medida em que pertencem à tradução". Nessa segunda seção, Davis trata principalmente dos tradutores de textos derridianos; vejamos o que ela afirma sobre esses tradutores: "Os tradutores de Derrida adotam uma variedade de métodos que nem sempre são compatíveis entre si. Esses exemplos são provas contunden-

tes de que desconstrução não é um método". No quarto capítulo – *Desfazendo termos: Decisão; Intenção; Comunicação; Conclusão* – a autora procura associar a teoria da tradução à desconstrução. Cita na sua maioria teóricos da tradução, pertencentes ao que contemporaneamente se costuma chamar de *translation studies*, que discutem o papel da desconstrução para uma teoria de tradução. Coloca, neste momento, a questão do *double bind*. Mas é no capítulo cinco – *Traduzindo Derrida: Gayatri Chakravorty Spivak; Alan Bass; Geoff Bennington e Ian McLeod; "The Measure of Translation Effects"* (texto de Philip E. Lewis, In: *Difference in Translation*, inédito em português); *Conclusão* – que a autora exemplifica como suportam e sofrem esses tradutores, cada um a seu modo, o *double bind* ao traduzir o texto derridiano. No último capítulo do livro – *Resposta e Responsabilidade: Aporias; Tradução 'relevante'; 'Mercy Seasons Justice'* [*o perdão releva a justiça*]; *Conclusão: Relevância e Obrigação* – Davis, como faz no primeiro com o texto *'Des Tours de Babel'*, comenta *"Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'?"* de Derrida (1999, traduzido para o inglês por Lawrence Venuti, *Critical Inquiry*, 2001, vol. 27; e para o português por Olívia Niemeyer Santos, *Revista ALFA*, Unesp, 2000, n° 44). Iniciando o parágrafo final da conclusão, ao resumir o que seria uma tradução relevante, ela comenta: "A natureza da obrigação é talvez o mais importante e o mais im/possível aspecto de relevância e de responsabilidade na tradução".

A preocupação didática, apesar da justificativa da autora, prejudicou sua reflexão ao longo de todo o livro; se, por um lado, ele tem o mérito de ser sistemático na sua composição com o objetivo de facilitar o entendimento do pensamento da desconstrução, por outro, esta característica didática e sistemática reforça e eterniza a relação desconstrução e tradução. Como explicar e fazer uma análise de algo que não se analisa e nem mesmo se teoriza de modo sistemático? Como ser teórico para afirmar que não há teoria? Afinal, a maior contribuição das reflexões de Jacques Derrida é argumentar que não há uma teoria de tradução que se sustente já que, segundo ele: "Não há metalinguagem tradutológica que não esteja assujeitada, como idioma, ainda, ao drama que ela pretende formalizar ou traduzir por sua vez. Não se fala nunca de tradução numa língua univer-

sal, fora de uma língua natural (intraduzível – a traduzir)" (1999, *Fidelidade a mais de* Un, inédito em português).

Mesmo afirmando que "desconstrução e tradução partilham da mesma ventura", e levando em conta todos os cuidados que tem para mostrar a importância e a fragilidade desta relação, para a autora, há algo que é tradução e algo que é desconstrução. Davis, na sua argumentação, mantém e reforça a existência da conjunção *e/and* para sustentar essa relação. Ao inverter o título em tradução, como coloco no início, afirmo em concordância com Jacques Derrida, na sua *Carta a um amigo japonês* (1998, tradução para o português de Érica Lima, In: *Tradução – a prática da diferença*): *a questão da desconstrução é, de um lado ao outro, a questão da tradução*; ou seja, é da mesma ventura que não só elas partilham, mas principalmente as (con)funde. Nunca saberemos, nesta relação, qual dos termos deve ser o primeiro. Teremos que suportar e sofrer infinitamente este *double bind*. Nessa mesma *Carta*, Derrida comenta: *a impossível "tarefa do tradutor" (Benjamin), eis o que quer dizer também "desconstrução"*.